

RESENHA

SANTOS, Milton. **Da totalidade ao lugar**. São Paulo: Edusp, 2005.

Erika Vanessa **MOREIRA**¹

Rosângela Aparecida de Medeiros **HESPANHOL**²

Essa obra de Milton Santos constitui-se numa edição traduzida do livro publicado em língua espanhola, *De la Totalidad al Lugar*, lançado no ano de 1996. O livro conta com uma seleção de artigos de revistas, capítulos de livros e textos de conferências escritos em português, francês, espanhol e inglês entre 1972 e 1994. Considerando o período a que se refere, esse livro constitui-se numa síntese do pensamento de Milton Santos ao longo desses 20 anos de atuação no campo geográfico, além de propiciar a compreensão, em termos de mudança, do seu pensamento a partir dos anos de 1980. Mudança esta que jamais significou uma ruptura com a sua produção bibliográfica anterior.

É interessante a estrutura da obra, pois se inicia com uma reflexão mais ampla, pautada na discussão sobre a formação social e econômica para direcionar ao lugar, entendido como o palco das ações, o qual é indispensável para a funcionalização do mundo. O livro está dividido em 3 partes e 11 capítulos.

Na primeira parte, intitulada *A Formação Social*, o autor discute no primeiro capítulo a *Formação Social e Econômica* (FES), enfatizando a relação espaço e sociedade, pois não há sociedade sem espaço, ou seja, não é possível uma sociedade a-espacial. Nesse contexto, cada sociedade abarca a tríade: o modo de produção, a formação social e o espaço, sendo necessário considerar que cada sociedade está submersa num invólucro histórico. Nas palavras do autor, “cada sociedade veste a roupa de seu tempo” (p.25).

No capítulo 2, é abordado a necessidade de apreender a FES como organização histórica, propondo o conceito de Formação Sócio-Espacial, para demonstrar a indissociabilidade do espaço e da sociedade. A abordagem do Estado-Nação como espaço, totalidade e método

comparece como o eixo central de discussão desse capítulo. *O Estado-Nação* é o todo, a totalidade, e o local refere-se às frações desse todo. O autor argumenta sobre a relação dialética do todo e das estruturas, além das questões que envolvem o método e os modelos geográficos para entender a totalidade.

A segunda parte, *Espaço Geográfico e Urbanização*, abarca 4 capítulos nos quais se discute o processo de urbanização nos países subdesenvolvidos, a importância das cidades locais, a terciarização e os dois circuitos da economia nos países latino-americanos. No capítulo 3, o autor relata que as mudanças na divisão social do trabalho e na organização espacial suscitaram novas funções, novas formas, ou seja, a sociedade convive com formas preexistentes e renovadas, caracterizando-a *geografização da sociedade*. Define a urbanização como o resultado de processos historicamente determinados, vinculados tanto a localização geográfica seletiva das forças produtivas, como as instâncias sociais.

No capítulo 4, Santos faz uma crítica à classificação tríplice das atividades econômicas criada por Colin Clark em relação aos setores produtivos (primário, secundário e terciário), chamando de *defeito congênito*. Em outras palavras, o autor enfatiza que essa tipologia é incapaz de reconhecer o movimento real da sociedade e da economia, pois o terciário não se limita apenas a responder as necessidades dos indivíduos e à circulação de produtos e idéias, mas abrange, também, outras instâncias (primário e secundário) em virtude da nova divisão social e espacial do trabalho.

As cidades locais como aglomerações capazes de atender as necessidades mínimas da população é o eixo central do capítulo 5. Dentre outros aspectos abordados nesse capítulo, enfatizam-se as distinções entre cidades locais e pseudocidades, ou seja, aquelas que não exercem suas funções, caracterizando-se como aglomerados dependentes e sem autonomia econômica.

O ponto central de argumentação no capítulo 6 se pauta numa análise sobre os *dois circuitos da economia urbana* nos países subdesenvolvidos. São apresentadas inúmeras características que distinguem o circuito superior e inferior, cuja base está nas diferenças tecnológicas e de organização. No primeiro momento, são discutidas as características dos dois circuitos nos países subdesenvolvidos e, no momento posterior, há discussão na escala macroespacial.

Na terceira parte do livro, composta de 5 capítulos, o autor discute a *globalização e o meio técnico científico* e, posteriormente, o informacional,

¹ Aluna do Programa de Pós Graduação em Geografia PPGG/UNESP de Presidente Prudente, Bolsista Fapesp, membro do Gedra – evmgeo@yahoo.com.br

² Professora do Departamento de Geografia e do Programa de Pós-Graduação em Geografia da FCT/UNESP, Presidente Prudente - Coordenadora do Gedra - rosangel@fct.unesp.br

abordando também a importância do território e do lugar como palco e depositário das ações e dos fenômenos globais e locais.

O autor chama de meio técnico-científico o momento histórico em que a ciência e a técnica comparecem intrinsecamente articuladas. No período atual, Milton Santos observa que os objetos nascem com mais vocação mercantil do que com uma vocação simbólica, permitindo uma especialização das funções e uma vasta tipologia das produções.

Diante desse período marcado pela relação mais intrínseca da ciência e técnica, o processo de urbanização, segundo o autor, ganha novas características, destacando-se dentre elas: o crescimento do trabalho intelectual, a expansão do consumo tanto consumptivo (idéias, informações etc.) como também o consumo produtivo.

Na perspectiva do autor, as cidades ganham novos conteúdos, novas atividades, permitindo a constituição de cidades locais do campo e não apenas como cidade no campo. O autor salienta que quanto mais intensa a divisão do trabalho, mais cidades poderão surgir, bem como se intensificarão as diferenças entre elas. Além disso, Milton Santos chama a atenção para a dissolução da metrópole, na medida em que o processo de urbanização não é apenas diacrônico, mas também sincrônico e instantâneo.

O Retorno do Território é o título do capítulo 8, que aborda o território como formas, objetos e ações, ou seja, o espaço humano, espaço habitado. Para o autor o território não desapareceu na era da globalização, mas está ativo e operante com novas sinergias. Há novos recortes, nova construção do espaço e novo funcionamento do território, que pode ser apreendido por meio das *verticalidades* (formadas por pontos distantes uns dos outros e ligados por formas e processos sociais distintos) e *horizontalidades* (contigüidade territorial). É notória a distinção que Milton Santos faz entre o *território* como o espaço banal, de todos, e a *rede*, como o espaço de alguns.

Os *espaços da globalização* são abordados no capítulo 9, sendo considerados, na visão do autor, como espaços dinâmicos e unitários, caracterizado pela articulação da materialidade e da ação humana. São examinados por Milton Santos três pontos centrais das transformações do espaço com a globalização, quais sejam: a unicidade técnica, a convergência dos momentos e a unicidade do motor. Esses 3 dados são, ao mesmo tempo, causas e efeitos uns dos outros, são solidários em escala mundial. O vértice central destes três pontos está na importância dos lugares para a compreensão do mundo. Anteriormente, haviam tantos sistemas técnicos

quantos eram os lugares. Na atualidade, observa-se, por toda parte, a predominância de um único sistema técnico, base territorial da mundialização. Assim, enquanto o mundo oferece as possibilidades, o lugar oferece as ocasiões.

No decorrer do capítulo 10, *O lugar: encontrando o futuro*, fica expresso o anseio e o interesse do autor para a análise do lugar, apreendido na atualidade enquanto condição e suporte das relações globais. O autor destaca, também, a importância que o lugar assume na produção da história. Isso porque, não distinguíamos entre unidade e diversidade se vão levássemos em consideração que a unidade é própria do Planeta e da História, e a diversidade é própria dos lugares. Muda o mundo e, ao mesmo tempo, mudam os lugares. O lugar é a oportunidade dos eventos que podem ser imprevisíveis, possibilitando a construção de uma história das ações que seja diferente do projeto dos atores hegemônicos. O lugar define-se como funcionalização do mundo e é por ele (lugar) que o mundo é percebido empiricamente.

O capítulo 11 tem como objetivo a pauta numa articulação entre os capítulos precedentes, pois a *Razão Global e a Razão Local* comparecem como a relação dialética entre o Lugar (partes) e o Mundo (todo). A razão global é apreendido como uma ordem global fundamentada na razão técnica e operacional, enquanto a razão local abarca a escala do cotidiano, da cooperação mas também dos conflitos. Esse capítulo se encerra com uma argumentação que, a nosso ver, resume de maneira coerente o título proposto da totalidade ao lugar: “Cada lugar é, ao mesmo tempo, objeto de uma razão global e de uma razão local, convivendo dialeticamente” (p. 170).

Destaca-se nesta obra dois pontos importantes. O primeiro se refere as mudanças na forma de abordar tais temáticas, já que ao longo do período histórico compreendido entre 1972 a 1994, o autor apresenta suas contribuições tanto no plano epistemológico como metodológico diferentes, em decorrência das influências teóricas e do próprio amadurecimento intelectual.

O segundo ponto reside no fato de que desde o primeiro ao último capítulo, o autor não deixa de se preocupar em atrelar o todo e as partes, ou seja, a totalidade e suas frações. Inicialmente, as discussões fundamentam-se no todo, ou seja, na Formação Econômica e Social, como instância maior, o Estado-Nação, encerrando-se o livro, com a abordagem da importância do lugar como palco dos eventos locais e globais.

Assim, denota-se a capacidade analítica do autor ao vislumbrar o espaço geográfico em diferentes contextos históricos. A resenha dessa obra nos permitiu ter uma noção, ainda que de forma sucinta, das mudanças no pensamento miltoniano e de sua contribuição para o desenvolvimento da Geografia brasileira e mundial.